



Olhares e vozes de crianças que nos interpelam no Natal de Jesus

Bispo Diocesano Jorge Pina Cabral

Se não se transformarem e não se fizerem como crianças, garanto-vos que não entram no reino dos céus (Mateus 18, 3)

Sabendo que os evangelhos não são biografias da vida de Jesus percebemos a razão pela qual são omissos relativamente ao período da sua infância. Com efeito, os evangelhos foram escritos muitos anos depois da morte de Jesus (o de Marcos que é o mais antigo foi escrito cerca do ano 70) com o propósito de apresentar a sua pessoa e obra como Messias (Mc 8,29), Filho de Deus (Mc 1,1), Filho de David (Mt 1,1), Senhor (Mt 12,8) e Emanuel -Deus connosco (Jo 10,30). Centram-se assim no ministério público iniciado por Jesus por volta dos seus 27 anos e partem dos acontecimentos da sua paixão, morte e ressurreição. Mesmos os chamados evangelhos da infância de Lucas 1-2 e Mateus 1-2 não são propriamente relatos de história factual, mas antes da história da salvação.

Estes dados contudo, não nos devem fazer esquecer o facto de que Jesus viveu uma infância em Nazaré (Lc 4,16) como a de qualquer outra criança, inserido num determinado contexto familiar, social e religioso que o foi marcando nas suas diferentes vivências e apurando naturalmente a sua compreensão da vida e da sua vocação. O que somos em adultos deve-se muito às experiências e vivências da nossa infância, particularmente as mais exigentes sejam elas alegres ou tristes. E se queremos respeitar a humanidade de Jesus deveremos também respeitar a sua infância, que embora por nós desconhecida, não deixou certamente de influenciar o seu ministério enquanto adulto.

No nosso mundo de adultos, ditos responsáveis e conhecedores de tudo, esquecemo-nos facilmente do mundo das crianças, por muitos considerado secundário, ingénuo e apenas uma fase a percorrer. Antoine de Saint-Exupéry já nos alertava para esta realidade quando no prólogo do seu livro «o Príncipezinho» escreveu: «Todas as pessoas crescidas começaram por ser crianças. Embora poucas se recordem disso».

Na fidelidade ao Deus-menino, que o Natal sempre nos revela, guardo comigo o olhar triste e profundamente interpelador de duas crianças chorando a morte da mãe, vítima de um bombardeamento na guerra civil na Síria. Guardo também as vozes «escritas» das crianças portu-

guesas, chamadas a pronunciarem-se sobre o impacto da crise económica nas suas vidas, conforme consta do importante relatório recentemente editado pela unicef – Comité Português¹. Olhares e vozes que se cruzam sobre uma mesma realidade humana e que nos surpreendem pela sua profundidade e clarividência.

“A renovada celebração do Natal do menino Jesus, comporta este renovado apelo divino de nos assumirmos como crianças perante Deus”

Perceções e análises da vida e da crise que revelam uma consciência apurada das dificuldades do quotidiano e exprimem apesar de tudo um testemunho de esperança no meio das dificuldades. As crianças não são mais espectadores passivos da realidade, dado que, pela dinâmica das circunstâncias se tornaram já, sem dúvida, intervenientes na construção do seu próprio futuro.

O velho adágio «cresce e aparece» tornou-se 25 anos após a declaração dos Direitos da Criança, na mobilizadora exortação «aparece, e cresceremos juntos». Crescer enquanto adultos na redescoberta da inocência e da pureza infantil, e no assumir sem vergonha da esperança e da alegria presente em cada criança. Guardando a experiência da vida, deveremos assumir de novo o que de mais profundo e belo trazemos da nossa infância, e tudo aquilo, que é muito, que as crianças do nosso tempo nos querem oferecer.

A renovada celebração do Natal do menino Jesus, comporta este renovado apelo divino de nos assumirmos como crianças perante Deus, na nossa necessidade permanente do Seu amparo e proteção. Mas comporta igualmente a necessidade de nos olhares e vozes das crianças do nosso tempo percebermos a presença do Deus menino, que por ser menino não deixa de ser Deus.

Um Santo e Feliz Natal na (re)descoberta do menino Jesus e do menino que existe em cada um de nós.

+ Jorge

1. As Crianças e a Crise em Portugal - Vozes de Crianças, Políticas Públicas e Indicadores Sociais, 2013, www.unicef.pt